

O Boletim da Pastoral na “Zona” de Campinas

Bruno Fuser*

Juliana Aparecida Ramos**

Resumo

A ação da Pastoral da Mulher Marginalizada de Campinas, centrada no bairro Jardim Itatinga, uma das maiores “zonas” de prostituição da América Latina, é caracterizada pelo resgate da cidadania e a busca de inserção da mulher prostituída no meio social de modo crítico, atuante e transformador. Transcendendo a ação assistencial - que também é realizada, por meio de cursos profissionalizantes -, as irmãs da Congregação do Bom Pastor procuram abordar a prostituição segundo o enfoque de que a mulher é vítima da sociedade, por não ter outra alternativa de sobrevivência. Na produção do informativo *Cinta Liga* - com o apoio da disciplina Jornalismo Sindical e Comunitário, da PUC-Campinas -, a Pastoral repete o comportamento apontado por pesquisadores, segundo os quais o autoritarismo da Igreja católica acaba reproduzindo os modelos da comunicação de massa, embora com um conteúdo diferenciado.

Palavras-chave: igreja e comunicação, jornalismo comunitário, igreja e prostituição

1 Apresentação

Já desde 1985, quando ingressamos no programa de Pós-Graduação da ECA/USP, em nível de mestrado, temos estudado as alternativas de uso da comunicação social, em especial o jornalismo, como contra-hegemonia à *mass media* (FUSER, 1991). Centramos nossa pesquisa, naquele momento, na política de comunicação do governo Erundina, suas características e iniciativas. Posteriormente, no doutoramento, orientamos nosso trabalho para a política de comuni-

* Doutor em Ciências da Comunicação - ECA/USP e professor titular da PUC-Campinas.

** Bolsista PIBIC/CNPq - PUC-Campinas.

cação de um sindicato, o dos Metalúrgicos do ABC, dada sua importância no panorama político-sindical brasileiro, referência para um sindicalismo que rompeu com as amarras do peleguismo e constituiu a maior central sindical do País, a CUT - Central Única dos Trabalhadores (FUSER, 1998).

Nessa pesquisa, que ora relatamos, desenvolvida a partir de premissas que vimos desenvolvendo nesses trabalhos anteriores, buscamos analisar as características da comunicação desenvolvida pela Pastoral da Mulher Marginalizada. Sediada no bairro Jardim Itatinga, uma das maiores zonas de prostituição da América Latina, já tínhamos ali, em função da disciplina Jornalismo Sindical e Comunitário, que ministramos na PUC-Campinas há cerca de dez anos, contatos e mesmo participação em iniciativas de comunicação. Assim, podemos afirmar que em grande parte nossa metodologia foi a da pesquisa participante: tivemos atuação direta até mesmo colaborando na elaboração de (poucas) reportagens, discutimos a política de comunicação implementada pela comunidade (respeitando as decisões ali tomadas), realizamos contatos no sentido de procurar (com sucesso) viabilizar uma parceria entre a Pastoral e o Centro de Cultura e Arte (CCA), que desenvolve ainda hoje cursos de sensibilização com jovens da comunidade, elaboramos – esteve em curso até julho de 2000 – projeto de iniciação científica (PIBIC) com interface direta com este trabalho.

2 Introdução e justificativa

Há uma tendência, não só nos cursos de jornalismo, mas também entre profissionais de forma geral, a se desprezar – ou menosprezar – a importância da chamada imprensa comunitária, também chamada de “alternativa” ou “pequena”. Isso explica-se facilmente: a grande mídia, assim como o jornalismo praticado nos centros urbanos, procura impor-se aos demais, de forma a “pasteurizar” as diferenças; é a grande mídia que impõe padrões e é tomada como referência de qualidade, pois paga melhor seus profissionais e possui infra-estrutura tecnológica semelhante à encontrada no 1.º mundo. No entanto, o jornalismo “alternativo” – entendido esse termo de maneira ampla, como aquele que não faz parte da grande mídia – é significativo na realidade brasileira, tanto do ponto de vista numérico como de referência de qualidade. Assim, entender de que maneira se gestam os processos de comunicação alternativos aos meios de comunicação de massa, em especial a

partir de exemplos concretos, reveste-se de fundamental importância para os estudos sobre comunicação comunitária.

Podemos dividir esse jornalismo em diversos segmentos, o que contribui para compreender sua abrangência: são jornais de bairro, de interior, de sindicatos, de comunidades específicas (religiosas, étnicas, etc.). Estudo efetuado por BUENO (1979) apontou a existência de aproximadamente 350 jornais no interior paulista. Informação de 1993 apontava 450 com publicação regular, mas o Sindicato patronal calculava em 800 títulos (AGUIAR *et alii*, 1994:1).

Embora considerados muitas vezes “provincianos”, tais jornais, afirma BUENO (1979:24), “estão significativamente localizados, no tempo e no espaço, dentro do contexto da imprensa brasileira”. Nos EUA há cerca de 200 publicações voltadas para uma só comunidade específica, a negra. Um dos jornais, o *New York Amsterdam News*, chegou a uma tiragem de 72 mil exemplares (BOWERS, 1978:65). No Brasil, a imprensa sindical chega a 12 milhões de exemplares mensais, conforme relata Nazareth FERREIRA (1992:17). Outros trabalhos insistem nessa tecla e mostram que, utilizando diversas mídias, a comunicação comunitária está viva.

Decorrente do preconceito (muito claro na profissão) em relação a esse jornalismo, há poucas pesquisas que permitam uma melhor reflexão, no País, sobre o tema. Restrita aos centros universitários que possuem pós-graduação *stricto sensu*, são raros os estudos específicos sobre comunicação ou jornalismo comunitário, em suas diversas particularidades, e, quando existem, dificilmente são difundidos. KOSHIYAMA (1979:2) procura caracterizar essas atividades segundo elementos diferenciadores e agrupadores essenciais.

Para a pesquisadora, a comparação de jornais “de metrópoles”, mesmo com os cadernos/seções regionais, e outros de Interior faz-nos concluir que o conteúdo redacional e publicitário é claramente diferenciado. Esses elementos diferenciadores/agrupadores podem ser, argumenta a autora, diversos: o bairro em que residem, a raça, a religião, a cidade e, também, a classe social, além de outros. Portanto Koshiyama considera que, ao analisarmos o jornalismo comunitário, temos de levar em conta não somente os elementos agregadores (o conceito de comunidade clássico), mas outros que podem trazer consigo a idéia de desagregação (classe

social, por exemplo, pois colocaria em oposição integrantes de uma mesma comunidade).

Koshiyama diverge, dessa forma, do conceito mais difundido, o apresentado por BUENO (1979:26), segundo quem o elemento que caracteriza o jornalismo comunitário, fundamentalmente, é o espaço geográfico em que ele é praticado. PALACIOS (1990:103) busca desmistificar alguns conceitos que se tornaram quase senso comum a respeito de comunidade e comunicação comunitária. Ele chama de “equivocadas” idéias como a de que na sociedade capitalista “a restauração ou instauração da comunidade é uma forma de resistência à lógica capitalista e um instrumento de avanço em direção a formas mais progressistas e humanas de organização social” (1990:105), ou de que “a comunicação comunitária se contrapõe à comunicação de massa e deve se processar por meios alternativos, essencialmente pelos chamados *pequenos meios*” (1990:107).

De maneira geral, o autor argumenta que se deve estudar tal comunicação sem inferir que ela tenha aprioristicamente determinados valores. Se uma comunidade, a judaica, por exemplo, tem valores considerados retrógrados por outras parcelas da sociedade, nem por isso o jornalismo por ela praticado, segundo certa caracterização, deixará de ser comunitário. Se a comunidade nipônica no Brasil compra tempo numa emissora de TV – um “grande meio”, portanto – nem por isso, igualmente, deixará de ser comunitário. O domínio das técnicas específicas adequadas para cada caso e a compreensão dessa realidade é que deve ser objeto da disciplina.

Estudos mais recentes também se voltam para o tema. É o caso do trabalho de Denise COGO (1994), que desenvolveu estudo aprofundado sobre as rádios difundidas por alto-falante. A importância do relato da pesquisadora é grande para o nosso trabalho, tendo em vista que, conforme ela destaca, grande parte dessas iniciativas são organizadas pela Igreja católica. Ao analisar a comunicação popular, ela afirma, como outros autores, que somente uma comunicação interativa seria democrática, aberta, dialógica, sinônimo de liberdade. A Igreja, inserida nos movimentos populares, em especial através das CEBs e no exercício da Teologia da Libertação, tem portanto destaque nas experiências de comunicação popular. Vários autores concordam com essa perspectiva (conforme destacamos em FUSER, 1998, em especial capítulo V - “A comunicação dos trabalhadores”).

COGO (1994:34-5) faz um alerta sobre como a Igreja desenvolve essa ação, apontando os “riscos de autoritarismo e dirigismo na comunicação, que reproduziriam a estrutura e modelo verticais de comunicação massiva”. A pesquisadora gaúcha destaca que as dimensões do lúdico, do sonho, da fantasia estão sendo abandonadas em manifestações da comunicação popular, “que pouco ou nada têm a ver com os valores culturais dos grupos e dos contextos onde estão inseridas” (:37). E continua:

“O tom moralista e paternalista marca o discurso das rádios católicas, ao mesmo tempo em que o caráter vanguardista e panfletário caracteriza a linguagem das emissoras sindicais” (:57).

COGO considera que as equipes de produção da comunicação popular estão se distanciando das expectativas dos receptores, com a criação de “vanguardas culturais que poucos referenciais guardam do universo para o qual trabalham” (:336).

Importantes também para a compreensão do tema são as reflexões de Ismar de Oliveira SOARES (1980), ex-presidente da UCBC. Para ele, embora os boletins diocesanos católicos se constituam, em alguns casos, instrumentos de defesa dos marginalizados, isso ocorre “apenas nas circunscrições eclesiais onde o bispo assume as diretrizes estabelecidas pela moral regida pela Teologia da Libertação”. E acrescenta:

“Os boletins diocesanos católicos que se comportam como instrumento de defesa dos interesses dos marginalizados mantêm-se, sempre, como veículos verticais de comunicação” (:161).

Essas considerações sobre as características da comunicação alternativa, popular, e aquelas que, segundo os autores estudados, são próprias da Igreja católica contribuíram, assim, para embasar nossos passos seguintes, dentro do estudo específico a que nos propúnhamos.

3 Objetivos

Como objetivos gerais da pesquisa, procurou-se delimitar as características fundamentais dos processos de produção da comunicação gestada pela Pastoral da Mulher Marginalizada de Campinas, ten-

do-se como referência não apenas suas próprias particularidades, mas também aquelas – para efeito de análise – consideradas típicas dos meios de comunicação de massa. A organização escolhida manteve durante o ano de 1998 (e mantém até esta data) o boletim *Cinta Liga*, no bairro de Itatinga. Essa experiência balizou o trabalho e a escolha deu-se apenas por uma comunidade, na perspectiva de cumprimento do cronograma proposto.

4 Plano de trabalho

Entre os itens do plano de trabalho realizados estão uma revisão bibliográfica, a definição da comunidade em que se desenvolveu o estudo de caso, com posterior acompanhamento da produção do produto de comunicação, permitindo, dessa forma, apreender as formas características de sua produção, compreendendo essencialmente técnicas de pesquisa participante, a análise do conteúdo dos jornais e a realização de entrevistas.

5 Material, métodos e formas de análise

Trabalhamos, fundamentalmente, com pesquisa bibliográfica, teórica, coleta de dados mediante observação direta, entrevistas, análise de conteúdo do boletim *Cinta Liga* e interpretação de dados. Adotamos como método primordial a pesquisa qualitativa e a técnica da entrevista. Nossa opção se baseou em considerações teóricas de diversos pesquisadores, como Mauro Wilton de SOUSA (1990:141), que, ao descrever um estudo qualitativo, ressalta que este “não se preocupa com generalizações a partir de dados quantitativos, nem com análises qualitativas sobre dados quantitativos, mas a busca do empírico acontecendo e as relações que o fazem aí se dar como tal. Um estudo, pois, explicativo de relações empíricas e não generalizador das situações amostradas”. Uma discussão mais aprofundada da metodologia desenvolvida encontra-se no projeto inicial, que nos poupamos de reproduzir aqui.

De todo modo, ressalte-se que tal metodologia foi aplicada levando-se em conta duas questões fundamentais: a *participação dos receptores* na elaboração do material de comunicação destinado à comunidade e o *conteúdo e forma* ali apresentados, a partir de fundamentação que desenvolvemos em estudos anteriores.

6 A Pastoral da Mulher Marginalizada

6.1 O trabalho com as prostitutas

O trabalho que hoje é desenvolvido pela Pastoral da Mulher Marginalizada no bairro do Itatinga, junto às prostitutas, teve origem na ação de Dom Antônio Fragoso, bispo de Crateús (CE), que em 1960 era bispo auxiliar em São Luís do Maranhão. Viajou então a Paris, entrou em contato com o trabalho conhecido por Ninho, desenvolvido pelo padre Talvas, junto às mulheres prostituídas da capital francesa. A experiência francesa foi trazida para o Brasil por três leigas da equipe do Ninho, Tania, Edith e Geneviève. Estas três missionárias permaneceram dez anos no Brasil e foram elas que organizaram o 1.º Encontro de Prostitutas e Agentes no País, em 1974.

A Pastoral da Mulher Marginalizada faz parte da Linha 6 – Sociotransformadora – da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, que se propõe a ser “fermento na massa” numa dimensão de mudança social. Outros objetivos da Pastoral são constituir-se *presença solidária* junto às mulheres e meninas prostituídas nos hotéis, nas favelas, nas zonas, nas boates, nas ruas; ser *presença profética*, denunciando as causas da prostituição – o machismo, a dupla moral, o analfabetismo – e buscando a libertação pessoal, eclesial e social; ser, enfim, uma *presença atuante* na luta contra as causas da prostituição (SERVIÇO À MULHER MARGINALIZADA, s/d).

A Pastoral da Mulher Marginalizada está organizada em capitais e cidades do Interior de quase todos os Estados brasileiros, onde mantém sempre atividades como visitas a locais onde ocorre a prostituição e reuniões com as mulheres, quando então são abordados assuntos relativos ao seu cotidiano (saúde, violência, direitos de cidadania, questões relacionadas a seus filhos e famílias).

Algumas equipes da Pastoral da Mulher Marginalizada mantêm creches para atendimento dos filhos das prostituídas e de crianças carentes, e em diversos lugares onde as equipes da Pastoral atuam existem centros de convivência. É um local onde a prostituta é acolhida, recebendo ajuda nas suas necessidades e carências, com apoio psicológico. Nesses centros há, muitas vezes, pessoas ligadas à saúde para orientá-la nos problemas mais urgentes; encaminhamento para obter documentação, como carteira de identidade; cursos de alfabetização;

oficina de trabalhos alternativos como artesanato, corte e costura e cabelereiro.

Entre outras ações, a Pastoral da Mulher Marginalizada atua junto a autoridades governamentais e policiais que, muitas vezes, desrespeitam os direitos da mulher prostituída. Existem ocorrências de mulheres violentadas, espancadas e aprisionadas que necessitam assistência. Procura oferecer, ainda, assessoria jurídica, denunciando as formas de violência contra a mulher.

A questão da prostituição é abordada pela Igreja sob diversos pontos de vista. Conforme destaca o padre Teodoro Helmut ROHNER (1987), a Igreja reforçava a marginalização social das prostitutas com a marginalização moral e religiosa, pois são vistas tradicionalmente pela Igreja como sedutoras dos homens. Ainda que a condenação fosse feita com a intenção de buscar a salvação da prostituta, que estaria em estado de pecado permanentemente, “do ponto de vista pedagógico a atitude tradicional não é encorajadora, é arrasadora” (:76).

Desenvolve-se, no entanto, um novo enfoque sobre o tema, segundo o qual a prostituta é uma vítima – daí a denominação mulher prostituída –, que a sociedade marginalizou a ponto de não ter outra alternativa para sobreviver. A responsabilidade da prostituta, na argumentação do religioso, existe, mas é normalmente mínima, comparativamente às causas sociais e econômicas. Daí a justificativa para que, ao “examinar cada caso”, os padres possam aceitar as prostitutas à confissão e comunhão.

“Esta nova atitude não se origina de um laxismo moral. A prostituição voluntária é e fica um pecado grave. Mas quando ela é forçada, não temos o direito de considerá-la voluntária. A conversão que é exigida de nós é a de deixar os preconceitos tradicionais e de fazer um julgamento justo conforme tudo que sabemos sobre a condição das vítimas da prostituição da nossa sociedade. Não é uma conversão do rigorismo ao laxismo, mas *dos preconceitos à realidade* e a uma interpretação correta desta última” (1987:87).

A ação da Pastoral da Mulher Marginalizada é desenvolvida por irmãs da Congregação do Bom Pastor, cuja origem remonta ao século 17, quando o padre oratoriano João Eudes, que pregava o fim da ignorância e da imoralidade, consequência de longos períodos de guerra, conseguiu que muitos jovens e mulheres se convertessem para uma

vida “digna e estável” (FACULDADE DE TEOLOGIA N.S. DA ASSUNÇÃO, 1986). Foi fundada, então, a Ordem de Nossa Senhora da Caridade do Refúgio. Seus mosteiros acolhiam e orientavam para uma vida nova moças e mulheres que se prostituíam. Além dos três votos comuns, João Eudes impôs aos membros da Congregação um quarto: o trabalho e o empenho na evangelização dessas pessoas exploradas e marginalizadas.

Quase um século depois, uma religiosa, Rosa Virgínia Pelletier - que recebeu o nome de Maria Eufrásia - sentiu a necessidade de ampliar o campo de atuação da Ordem para outros países, além da França, e criou serviços como respostas às exigências evangélicas e sociais da época, como a ação correcional junto a menores, seções de preservação para crianças abandonadas e atuação junto a penitenciárias.

A irmã Eufrásia levou esse projeto para várias partes do mundo, surgindo assim a Congregação do Bom Pastor - o amor misericordioso de Jesus Bom Pastor. Após a Segunda Grande Guerra, a superiora geral da Congregação, Maria Úrsula, realizou importantes mudanças, como a exigência de que as religiosas do Bom Pastor tivessem uma qualificação profissional, com a colaboração de leigos e a adoção de métodos educativos que visavam a reinserção social. Dentro das renovações do Concílio Vaticano II, as religiosas do Bom Pastor foram estimuladas a rever seu carisma, reatualizar sua missão de amor e misericórdia pelos que são marginalizados, transviados ou que vivem situação de injustiça.

6.2 A entidade em Campinas

A vinda da Congregação do Bom Pastor para Campinas – base da ação da Pastoral da Mulher Marginalizada – foi realizada pelo padre Haroldo Rahm, em 1976, quando foi fundada a Casa Esperança, para acolher mulheres prostituídas do Jardim Itatinga. No primeiro ano, o trabalho das irmãs do Bom Pastor e do padre Rahm consistiu em um estudo sobre como funcionava a zona de prostituição. Foi montado um curso de alfabetização (Mobral), cursos de bordado, datilografia, corte e costura. Posteriormente foi obtido o terreno onde está hoje a sede da Pastoral da Mulher Marginalizada, com apoio do arcebispo D. Gilberto Pereira Lopes, e doações - em especial dos padres capuchinhos - viabilizaram a construção da sede, onde há uma escola, um salão social, entre outras instalações. No início de 2001, a entida-

de ganhou outro terreno no bairro, onde pretende construir instalações mais amplas.

Para fortalecer a ação da Pastoral da Mulher Marginalizada em Campinas, em especial no bairro do Itatinga, onde está sediada, foi criado em 1997 o CEPROMM - Centro de Estudos e Promoção da Mulher Marginalizada. Como figura jurídica, é essa instituição que mantém as atividades promovidas pela Pastoral, no Centro Comunitário Nossa Senhora Aparecida, como a escolinha – com a contratação de pessoal para as atividades pedagógicas e para fazer a merenda –, os cursos ali desenvolvidos – com a compra de material de consumo, etc. Há funcionários, como assistente social e merendeira, e também trabalho voluntário, desenvolvido em contato direto com a entidade ou mediante convênios e termos de cooperação com outras instituições, como Universidades.

No estatuto do CEPROMM se estabelecem as diretrizes gerais do trabalho: “Dar proteção à família, à infância e à adolescência, carentes, dando especial atenção às mulheres prostituídas e seus filhos, moradores do Bairro Jardim Itatinga e adjacências” (art.2).

Entre as propostas estão:

- “- Realizar trabalhos socioeducativos e de *resgate a cidadania...*
- levar a criança, o adolescente e a mulher prostituída a inserir-se no meio social *de modo crítico...*
- criar condição de atendimento às crianças e adolescentes, em situação de risco, por intermédio de um espaço para alfabetização e acompanhamento das atividades pedagógicas, tirando-as da rua...
- incentivar a participação das mães nas atividades do CEPROMM...
- desenvolver um *trabalho de prevenção* junto às crianças e aos adolescentes, visando propiciar-lhes oportunidades sociais e profissionais, com o intuito de que não se iniciem na prática da prostituição e que sejam prevenidos os abusos e a exploração sexual...
- promover *ações continuadas* em educação e saúde...
- caminhar com a mulher, especificamente a mulher prostituída, buscando alternativas que favoreçam sua *organização, promoção e libertação*, incentivando-a na participação das atividades desenvolvidas pelo Cepromm...

- apoiar e defender os *direitos da mulher*, como cidadã, perante os poderes constituídos...
- atuar sobre as *causas e consequências da prostituição*...
- *mobilizar as mulheres* prostituídas para formação de cooperativas de trabalho...” (CEPROMM, 1997; gr.nosso).

Essas diretrizes gerais se configuram numa ação permanente, sob liderança das irmãs Maria de Lourdes Vicari e Ana Maria Bastos Rocha, da Congregação do Bom Pastor, com a colaboração de um travesti que se prostituía, Ademar S. Martins (Denise), da ex-prostituta Bethânia, e da equipe de funcionárias e voluntários. Além de cursos, como de cabeleireiro e de informática, há uma escolinha para crianças e jovens, que não integra o ensino regular, que acolhe meninos e meninas de idade variável, que não têm outra opção durante parte do dia ou mesmo durante o dia inteiro. Há atividades culturais (por exemplo, em datas específicas são exibidos vídeos, feitas homenagens às mulheres), políticas (há a organização para ações em defesa da cidadania, do trabalho, da solidariedade) e religiosas (todas as quartas-feiras há um momento de oração com as mulheres do bairro, além de outras atividades).

7 A produção do boletim

Houve acompanhamento das quatro edições de 1999 do boletim *Cinta Liga* (periodicidade trimestral), que tem o formato duplo-ofício A4, com número de páginas que variou de 8 a 4, sendo distribuídos pelo bairro cerca de 200 exemplares. Ele possui, permanente, apenas um anúncio, de um dos postos de combustíveis do bairro.

É relevante ressaltar que o bairro está localizado na periferia de Campinas, próximo ao Aeroporto de Viracopos e abriga aproximadamente 150 casas de prostituição. A zona de prostituição do Jardim Itatinga surgiu entre 1966 e 1974, quando se deslocou o foco de prostituição de bairros nobres da cidade, como Taquaral e Castelo. Foi considerada a maior zona de prostituição da América Latina, com mais de mil prostitutas atuando nas casas. Hoje vive uma certa decadência: são raros os carros luxuosos e a maioria dos clientes é motorista de caminhão e trabalhador de Campinas. A prostituição de luxo se faz em outros lugares, não mais nas casas, mas mediante encontros via celular, anúncios em revistas, jornais e na Internet, além da intermediação

de boates instaladas em locais distantes do Itatinga, justamente para fugir do estigma da “zona”.

Travestis e traficantes de drogas convivem no Itatinga com as prostitutas, e essa convivência nem sempre é pacífica – os conflitos entre grupos rivais e acertos de contas são constantes, com mortes violentas periodicamente tornando-se manchetes de jornais. A segregação das prostitutas pode ser verificada facilmente pelas placas em residências que não são prostíbulos, nas quais os dizeres “casa de família” buscam afastar uma clientela para a qual, em tese, todas as casas do bairro são para o comércio de sexo.

Há uma escola pública, posto de saúde e um pequeno comércio local. Boa parte das ruas ainda não tem asfalto e em muitos locais é possível observar o lixo acumulado, o esgoto a céu aberto. Doenças sexualmente transmissíveis são uma constante, apesar de todas as campanhas de prevenção desenvolvidas pelo posto de saúde, com a colaboração dos agentes da Pastoral.

A produção do *Cinta Liga* foi iniciada em 1996 por um grupo de alunos da PUC-Campinas, que o produziu em forma de jornal mural. No ano seguinte foi produzido no mesmo formato, mas por Denise, uma das principais lideranças do bairro. Em 1998, o boletim passou para formato duplo-ofício, sendo feito por uma equipe de alunos da disciplina Jornalismo Sindical e Comunitário, sob nossa coordenação. Vale destacar que, já em 1992, outra equipe havia buscado a Pastoral da Mulher Marginalizada para realizar trabalho conjunto, no boletim então denominado *O Itatinga*, e igualmente sob supervisão direta de Denise.

Foram desenvolvidas entrevistas, com roteiro semi-estruturado, junto às principais lideranças da Pastoral da Mulher Marginalizada, que tem como sede o Centro Comunitário Nossa Senhora Aparecida. Essas lideranças, conforme assinalado anteriormente, são compostas pelas irmãs Ana Maria e Maria de Lourdes e pelas voluntárias Denise e Bethânia. As entrevistas consistiram em perguntas sobre a história de vida, como se deu a opção pelo trabalho com as mulheres prostitutas e a opinião sobre a função e os resultados do boletim *Cinta Liga*. Após a terceira e quarta edições do ano, foram feitas enquetes com mulheres do bairro, para complementar algumas informações que vínhamos colhendo em conversas até então não sistematizadas.

As religiosas têm como voto de sua Congregação ajudar os excluídos. Denise e Bethânia, que já se prostituíram, têm mais acesso às

prostitutas que as religiosas, por terem passado pela situação de prostituição e saberem como falar e como agir com cada uma, tendo conhecimento das suas carências e necessidades. Ambas deixaram a prostituição depois de se engajarem na Pastoral da Mulher e recuperarem – como afirmam – sua auto-estima.

Destaca-se na análise das entrevistas que o objetivo comum das integrantes da Pastoral não é tirar a mulher da prostituição, pois não há condições para a entidade colocá-las no mercado de trabalho. Elas dependem dessa atividade para sobreviver e a Pastoral da Mulher Marginalizada não tem condições de remanejar todas para outro tipo de vida, ainda que ofereçam cursos de o de informática.

O trabalho da Pastoral consiste em conscientizar as mulheres de seus direitos, de sua dignidade, tendo uma preocupação com a saúde e exploração dos cafetões e cafetinas existentes no local. Para conquistar esses objetivos, acreditam que o boletim é um instrumento de muita valia.

O boletim *Cinta Liga*, para essas lideranças, exerce muita influência para atingir o objetivo de conscientização, no entanto há divergências entre elas. Bethânia acredita que precisa haver mais entrosamento de quem produz o boletim com os leitores, já as demais integrantes consideram que o boletim cumpre sua função plenamente. O acompanhamento da produção das edições do boletim foi realizado mediante a participação das reuniões de pautas, das reuniões de fechamento e entrega da edição, que é feita por Denise e os alunos, de casa em casa no bairro.

Antecedendo a confecção de cada boletim, há uma reunião de pauta entre os alunos e Denise, principal responsável pela elaboração da publicação e também, eventualmente, com as demais lideranças. Nessas reuniões são estabelecidos os assuntos que serão publicados. Há uma tendência por parte de Denise de não considerar as sugestões dos alunos; desse modo, em muitas situações os alunos foram inibidos de colocar reportagens que acreditavam ser convenientes. Exemplo é o que ocorreu na reunião de pauta do dia 24 de março de 2000, quando um aluno, sabendo que a modelo Roberta Close fora a uma boate do bairro e causara muito interesse entre as moradoras, sugeriu produzir uma reportagem sobre o assunto. Denise não permitiu, houve discussões, porém ficou determinado que não seria adequado esse tipo de matéria no boletim, pois não estava dentro dos objetivos, das características editoriais da produção jornalística da Pastoral.

Depois da edição pronta, antes do envio para a gráfica, as irmãs do Bom Pastor lêem todo o boletim e substituem expressões que não acham adequadas, como por exemplo “prostitutas”, termo que é substituído por “mulher prostituída”, sob o argumento referido anteriormente. Ilustrações masculinas no boletim também são repelidas: a justificativa de Denise é que tudo no boletim deve lembrar a mulher, para que ocorra identificação.

O primeiro exemplar do *Cinta Liga* de 1999 foi produzido pela bolsista de iniciação científica e pelo professor orientador do projeto, com oito páginas, trazendo assuntos sobre o dia da Mulher, desemprego, acontecimentos da Pastoral, serviços do Centro de Saúde do bairro e poemas. O segundo número passou a ser feito por uma equipe da disciplina Jornalismo Sincial e Comunitário, sob nossa supervisão. Sua editoração sofreu mudanças, o logotipo mudou. Passou também a ter pela primeira vez um anúncio, o do posto de combustíveis do bairro, que a cada edição paga 50 reais. Desta forma, o boletim não é mais reproduzido em cópias xerox, passou a ser impresso em uma gráfica. O editorial também passou a ser feito, operacionalmente, pelos alunos e não mais por Denise, que, no entanto, conforme destacado anteriormente, continuou coordenando o conteúdo que constará no *Cinta Liga*. O número de páginas foi mantido o mesmo, com assuntos sobre Santa Eufrásia, em comemoração ao dia das Mães, a Pastoral Carcerária, novamente sobre o desemprego, o Centro de Saúde, a Casa das Pastorais, educação das crianças e agenda do Centro Comunitário. A presença de assuntos religiosos foi marcante nessa edição. A matéria do dia das Mães foi composta por muitos depoimentos das próprias mulheres do bairro. Essa matéria, na pesquisa realizada com mulheres do bairro, é citada como uma das preferidas das leitoras, numa clara evidência de identificação entre a reportagem e o público.

8 Conclusão

As entrevistas com lideranças e com mulheres apontaram para o fato de que o boletim não estava sendo lido pela maioria do seu público-alvo. Buscando melhorias, o *Cinta Liga* diminuiu para quatro páginas: considerou-se que o público se cansaria com um número maior de páginas. Foram então publicados textos sobre o aniversário da cidade, o Grito dos Excluídos, uma página sobre o Centro de Saúde,

agenda do Centro Comunitário e uma reportagem falando sobre o mês da Bíblia. Nessa edição, além do anúncio do posto de combustíveis, houve mais quatro, de estabelecimentos comerciais do bairro.

Na última edição do ano, a editoração continuou a mesma, no entanto a página de saúde não saiu e não houve revisão por parte das lideranças. Algumas matérias decididas na reunião de pauta não foram cumpridas, como a missa de Natal, depoimento da equipe de visita da Pastoral da Mulher, gincana, a reunião da Casa de Santana. Foram cumpridas pautas como a formatura da turma de informática, uma carta de uma jovem de 15 anos que escreveu para homenagear a mãe prostituta – matéria também muito citada na pesquisa –, a mensagem de Natal e as reivindicações dos servidores públicos.

Além das entrevistas com as lideranças, conforme salientamos acima, fizemos uma enquete, ao final da terceira edição, onde perguntamos para as leitoras a opinião geral sobre o boletim. Ao final da última edição foi feita nova enquete e constatou-se que as leitoras lêem mais a página de saúde e matérias que retratam o bairro, que falam sobre coisas que vivem diariamente. Muitas nem folheiam o *Cinta Liga*, seja porque fica um exemplar para toda a casa e nem todas as mulheres dali têm acesso a ele, ou porque nem todas sabem ler e, também – um dos principais fatores –, porque falta interesse pelo boletim.

Os assuntos pelos quais as mulheres mais se interessam são as reportagens de depoimentos do cotidiano de outras prostitutas, assuntos com os quais elas se identificam, como os exemplos das mulheres do bairro falando sobre ser mãe e, na última edição, a carta da filha para a mãe prostituta. Gostam de ler também a página de saúde, que fala sobre o posto de saúde, as atividades ali desenvolvidas. Enfim, constata-se que há interesse por um jornal voltado para o cotidiano das moradoras do bairro e não integralmente sobre questões claramente destinadas à conscientização das mulheres do Itatinga.¹ Elas reivindicam mais assuntos do bairro, denunciando, principalmente, a violência. No entanto a Pastoral receia represálias, e não acata essa reivindicação. Confirmam-se, assim, as assertivas de COGO e SOARES, no sentido de a comunicação popular apresentar tendência a um afastamento entre lideranças e comunidade, e, ainda, de a comunicação da Igreja católica ser caracterizada por uma verticalização, uma hierarquização, uma ausência de tomada de decisões de maneira aberta e democrática, ainda que se constitua em importante instrumento de defesa dos marginalizados.

Se o boletim *Cinta Liga* buscasse mudar seu comportamento em função da opinião das moradoras – que foi transmitida às lideranças, e em grande medida já era de seu conhecimento –, seria mais “leve”, com mais assuntos dos bairros, matérias de entretenimento e a participação das leitoras, mesmo que apenas em depoimentos, mas criando a identificação entre público e boletim.

O jornal comunitário poderia ao menos disputar a influência sobre seu público com a grande imprensa, porque os jornais da cidade – *Correio Popular* e *Diário do Povo* – não conhecem a realidade do bairro tão profundamente e apenas divulgam notícias de violência, como mortes e tráfico. Isso contribui para que a sociedade consolide seu preconceito em relação ao bairro e às prostitutas. Já o boletim *Cinta Liga* vem com outra proposta: diminuir esse preconceito, mostrar uma outra realidade, que vem sendo construída com trabalho e projetos de cunho social e transformador.

Entretanto, destaca-se um ponto em comum entre a imprensa comunitária ali gestada e a grande imprensa: em ambas a linha editorial segue rigorosamente o ponto de vista daquele que detém o comando, sem abertura à pluralidade, à manifestação das diferenças. Porém, ressalve-se que enquanto a grande imprensa tem como objetivo os lucros e a manutenção do *status quo*, a imprensa comunitária procura conscientizar o seu público, tem em suas reportagens um conteúdo nitidamente marcado pelo desejo de mudança, de transformação, educativo e social.

Abstract

The action of the Marginalized Woman *Pastoral* (a Catholic Organization) from Campinas (State of São Paulo, Brazil), centered in the neighborhood Jardim Itatinga - one of the largest prostitution areas in Latin America - it is characterized by the rescue of the citizenship and by reintegration of those women in the society, in a active and becoming way. Beyond the assistencialy action – that is also accomplished, like as vocational courses – the Sisters of the Good Shepherd's Congregation see the prostituted woman like a society victim because they do not have another survival alternative. In the production of the newsletter “Cinta Liga” – with the support of the Journalism Course from PUC / Campinas – the Pastoral repeats, according communication researchers, the same authoritaristic pattern used by Christian Church and by the mass media communication, although the differentiated content.

Keywords: church and communication, community journalism, church and prostitution.

Nota

1. Uma pesquisa quantitativa sobre a aceitação do boletim foi realizada por equipe de alunos, em 1998, segundo a qual 66% das entrevistadas consideram que o jornal ficaria melhor se fosse feito por pessoas do bairro - o que pode ser interpretado como crítica tanto à Pastoral como à presença dos alunos - e 84% das entrevistadas afirmaram que gostam da página de saúde. Cf. NUNES, Alesse F. e outros. *Jornal comunitário: alcance e limitações. Um estudo de caso*. Campinas, PUC-Campinas, 1998. [mimeo.]

Referências

- AGUIAR, Maria Carolina; MARCELINO, Débora; VEDOVATTO, Vanda. *Jornalismo de Interior: espaço mídia*. Campinas, 1994. Projeto experimental no curso de Jornalismo da Puccamp. Mimeografado.
- BOUDON, Raymond. *Les méthodes en Sociologie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1969, 90 p.
- BOWERS, Carolyn A. A Imprensa Negra nos Estados Unidos. *Cadernos de Jornalismo e Editoração*, São Paulo, n. 10, p. 63-72, 1978.
- BUENO, Wilson. A importância da imprensa comunitária no interior paulista. *Cadernos de Jornalismo e Editoração*, São Paulo, n. 11, p. 23-27, 1979.
- CANNEL, Charles F.; KAHN, Robert. La reunión de datos mediante entrevistas. In: FESTINGER, L.; KATZ, D. *Los métodos de investigación en las ciencias sociales*. Buenos Aires: Paidós, 1972.
- CENTRO DE ESTUDOS E PROMOÇÃO DA MULHER MARGINALIZADA. *Estatuto*. Campinas, 1997. Mimeografado.
- COGO, Denise. *No ar... uma rádio popular*. 1994. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.
- DURANDIN, Guy. *La mentira en la propaganda política*. Barcelona: Paidós, 1983.
- FACULDADE DE TEOLOGIA N.S. DA ASSUNÇÃO. *A prostituição em debate*. Campinas: Paulinas, 1986.
- FERREIRA, Maria Nazareth. Comunicação Sindical. In: SILVA, Sérgio Gomes. (Org.). *Comunicação sindical em época de crise*. São Paulo: ECA/USP, 1992. p. 18-18. (Simpósio em Comunicação e Artes, 10).
- FONTCUBERTA, Mar de; MOMPART, J.L. Gomez. *Alternativas en comunicaci3n*. Barcelona: Mitre, 1983.
- FUSER, Bruno. *Políticas de comunicação no governo Erundina: do agitprop ao Jack Palance*. 1991. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.
- FUSER, Bruno. Limites da comunicação sindical no Brasil. In: FERREIRA, Maria Nazareth. *O impasse da comunicação sindical: de processo interativo a transmissora de mensagens*. São Paulo: CEBELA, 1995.
- FUSER, Bruno. *A comunicação conservadora dos Metalúrgicos do ABC*. 1998. Tese (Doutorado em Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

- GOODE, William J.; HATT, Paul K. *Métodos em pesquisa social*. São Paulo: Nacional, 1975.
- KOSHIYAMA, Alice Mitika. Imprensa de Comunidades e Imprensa de Classes. *Cadernos de Jornalismo e Editoração*, São Paulo, n. 11, p. 1-9, 1979.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *O discurso sufocado*. São Paulo: Loyola, 1982.
- MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. *Técnicas de Pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1988.
- MATTELART, Armand & Michèle. *Carnaval de imagens - a ficção na TV*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- MATTELART, Armand. *Frentes culturales y movilización de masas*. Barcelona: Anagrama, 1977, 32 p.
- MORIN, Edgar. A Entrevista nas Ciências Sociais, no Rádio e Televisão. In: MOLES, Abraham A. et al. *Linguagem da cultura de massas - televisão e canção*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- NOGUEIRA, Oracy. O objeto das ciências humanas. In: HIRANO, Sedi. (Org.). *Pesquisa social: projeto e planejamento*. São Paulo: Quieiroz, 1979.
- NUNES, Alesse F. et al. *Jornal comunitário: alcance e limitações - um estudo de caso*. Campinas, PUC-Campinas, 1998. Mimeografado.
- OROZCO GÓMEZ, Guillermo. *La Investigación en Comunicación desde la Perspectiva Cualitativa*. La Plata: Ediciones de Periodismo y Comunicación, 1996.
- ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *Os (des) caminhos do radiojornalismo*. 1990. Tese (Doutorado em Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.
- PALACIOS, Marcos. Sete teses equivocadas sobre comunidade e comunicação comunitária. *Comunicação & Política*, São Paulo, v. 9, n. 11, abr./jun. 1990.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. 2. ed. São Paulo: CERU/FFLCH, 1983.
- QUINTAVALLE, Arturo C. El modelo. In: LUTZEMBERGER, Maria; BERNARDI, Sérgio (Org.). *Cultura, comunicación de masas y lucha de clases*. México: Nueva Imagen, 1978.
- ROHNER, Teodoro Helmut. *Prostituição e Libertação da Mulher. Pastoral da Mulher Marginalizada: subsídios para a formação de agentes*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- SERVIÇO À MULHER MARGINALIZADA. *Pastoral da Mulher Marginalizada*. São Paulo, [20--?]. Mimeografado.
- SOARES, Ismar de Oliveira. Boletins Diocesanos Católicos: veículos de comunicação a serviço dos marginalizados. In: MELO, José Marques de (Coord.). *Comunicação e classes subalternas*. São Paulo: Cortez, 1980.
- SOUSA, Mauro Wilton de. *A rosa púrpura de cada dia*. 1990. Tese (Livre docência em Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.
- THIOLLENT, Michel. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo: Polis, 1987, 86 p.
- VIOLI, Patrícia. La prensa de la izquierda extraparlamentaria: analisis del lenguaje. In: LUTZEMBERGER, Maria. et al. *Cultura, comunicación de masas y lucha de clases*. México: Nueva Imagen, 1978.